

# O TIRO CIVIL

## ORGÃO DO SPORT NACIONAL

## Editor

José dos Santos Pedrozo Junior  
A LIBERAL — Offic. Typographica  
Rua de S. Paulo, 216

Quinta-feira 15 de dezembro de 1898

## Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes . . . . . 300 rei.  
Provincias, 6 mezes . . . . . 600 »  
Numero avulso . . . . . 60 »  
Anuncios preço convencional

## SUMMARIO

Antonio Xavier Corrêa Pinheiro.—Pelo tiro nacional.—União dos Atiradores Civis Portuguezes.—Portugal antigo, por ZACHARIAS D'AYA.—Memorias d'um ajudante de campo, por FERNANDES COSTA.—Uma caçada ás cabras no Gerer, por S. S.—Pasteis de mau gosto, por ERNESTO VIANNA.—A «poupa», por HEITOR JACOME.—Escolha e ensino do cão, por H. ANACHORETA.—Para meditar, por H. OLAVRAC.—Associação dos Caçadores Portuguezes.—Sociedade de tiro aos pombos.—Associação Protectora da caça em Tempo Defezos.—Sport Club do Pará, por CYRILMOR.—Regatas em Belem do Pará, por GOLDFISH.—Phillelia.—A. J. Bentes.—Revista de infantaria.—Bengalas-espingardas.—Salão de sport cyclist.

## GRAVURAS

Antonio Xavier Corrêa Pinheiro.—Raul Mesnier de Ponsard.

## TIRO

## Antonio Xavier Corrêa Barreto

ARMADO com a velha espingarda de 14<sup>mm</sup> quando todas as nações da Europa julgavam inadmissivel, por excessivo, o calibre de 11<sup>mm</sup> coube a Portugal, em 1886, a honra de preceder os paizes mais adeantados adoptanda o calibre de 8<sup>mm</sup> ainda hoje em serviço na França, na Allemanha, e na Austria — paizes que passam, por justos motivos, por dictarem a lei ao velho continente, n'estas e n'outras questões importantes do moderno material de guerra.

Boa machina de tiro, bem estudada, embora talvez de solidez excessiva, a espingarda Kropatshek adoptada pelo exercito portuguez manteve dignamente o seu lugar de honra em quanto as polvoras sem fumo não vieram desthronar as classicas misturas ternarias, chegadas á phaze terminal, percorrido o cyclo da sua lenta evolução através de mais de quatro seculos e attingida a maxima perfeição theorica de que eram susceptiveis.

Sentindo a necessidade imperiosa de acompanhar a rapida e quasi inesperada marcha dos progressos das novas polvoras — mysteriosas ainda na sua essencia, para a maioria, e desconhecidas para todos quanto ás particularidades de fabrico, contraditoria e por vezes erradamente descriptas em diversos jornaes militares estrangeiros — o ministro que em 1889 geria os negocios da guerra em Portugal incumbia do estudo de uma polvora sem fumo para a espingarda de 8<sup>mm</sup> um official da arma de artilheria, que desde muito se assignalára pela sua competencia excepcional para os trabalhos da chimica experimental — o sr. capitão Antonio Xavier Corrêa Barreto.

Começaram, desde logo, para o distincto official as delicadas e numerosas tentativas para arrancar á experiencia propria um segredo que os paizes estrangeiros guardavam com o mais zeloso cuidado, para não revelarem ao mundo militar o conhecimento exacto de uma nova força, que desde logo se presentia suficientemente importante para transformar de *fond en comble* o armamento dos exercitos modernos.

Seria longo descrever as contrariedades d'um inventor, que só dispõe da sua idea fixa e de um laboratorio quasi primitivo para trabalhos desta natureza; que tem de rectificar afirmações erradas e estabelecer os principios exactos, em que deverá ser baseado todo o edificio das suas investigações, sob pena de não chegar a resultado satisfatorio.

Foi uma lucta porfiada — lucta que mal se aprecia hoje que estes assumptos entram quasi francamente, no dominio geral, e que então revestiam um caracter indeciso, com o seu tanto ou quanto de lenda e de mysterio.

De tudo triumphou a tenacidade e ardor de trabalho, e o sr. capitão Barreto conseguiu, por fim, obter uma polvora de espingarda, que em nada cederá á cordite,



Antonio Xavier Corrêa Barreto

Capitão de artilheria. Auctor da polvora sem fumo, Barreto

regularmentar na Inglaterra, e á balistite, adoptada pelo exercito italiano.

Nomeando ha pouco uma commissão de officiaes das diversas armas para estudar uma nova espingarda para a nossa infantaria, sua excellencia o sr. ministro da guerra; — um escriptor militar de primeira plana e profundo conhecedor das instantes necessidades do nosso exercito — não se esqueceu de incluir na lista dos seus membros o sr. capitão Barreto, dando-lhe assim uma prova frisante de consideração pelos seus trabalhos e pela sua competencia.

Publicando o retrato do distincto official de artilheria, *O Tiro Civil* julga prestar uma homenagem verdadeiramente merecida, e faz votos para que a polvora do sr. capitão Barreto dê nas boccas de fogo e na futura arma da infantaria resultados eguaes aos que um grande numero de leitores d'este jornal tem tido muitas occasiões de registrar com a espingarda de 8<sup>mm</sup>.

## Pelo Tiro Nacional

No proximo domingo 18, devem começar a frequentar a Correia de tiro, os alumnos em idade propria, dos collegios Lyceu Polytechnico, Collegio Arriaga e Escola Academica.

Os dignos proprietarios d'estas casas de educação accederam amavel e patrioticamente ao pedido que lhes foi feito para este fim pela commissão executiva da União.

A commissão executiva, deu um dos melhores passos que podia dar, para a frequencia á Carreira, despertando o amor pelo tiro nacional n'aquelles que entram na vida com o coração aberto a tudo quanto é bom e generoso.

Quanto aos proprietarios dos collegios, cabem-lhe todos os elogios, porque, creando um bello passatempo para os alumnos aos domingos, incute-lhes sentimentos patrioticos e prestam ao paiz um dos maiores serviços, que, como bons patriotas, podem prestar.

Um paiz sem força, sem vitalidade e que se não sabe defender, corre risco eminente de perder a sua independencia; é preciso, pois, que todos saibam manejar uma espingarda, e, para isso não ha nada melhor do que começar de creança.

Torna-se porém urgente que todas as corporações scientificas, commerciaes, industriaes, de recreio ou classe, que todos os dias dão provas do seu patriotismo, ou t'elle falam, procedam como os proprietarios dos collegios, e auxiliem pecuniariamente, embora com pouco, a União, para que ella possa desafogadamente cumprir a sua missão.

Um pequeno sacrificio annual a favor do tiro nacional, será largamente compensado não só com a consciencia do dever patriótico que se presta, mas ainda com os resultados obtidos.

E' tempo de se pôr em pratica, alguma coisa do muito que todos os dias se fala, sobre a regeneração e integridade da patria, que é tudo onde fluctua a sagrada bandeira das quinas.

## União dos Atiradores Civis Portuguezes

Reconhecida como associação patriótica por decreto do ministerio da guerra de 13 de outubro de 1898

Sede official, carreira de tiro em Pedrouços

(Esta revista é orgão official da União)

## Parte official

## Commissão executiva

ACTA N.º 4

Sessão em 4 de dezembro de 1898

A 1 hora da tarde, na Carreira de Tiro, estando presentes os srs. Eduardo de Noronha, Ignacio Franco, Vieira da Silva Junior, Correia Pinheiro, e Fraga, foi aberta a sessão servindo o primeiro de presidente e o ultimo de secretario.

— Lida e approvada a acta da sessão anterior.  
— Justificada a ausencia do sr. Anselmo de Sousa.

— Admittidos socios com os n.ºs 228 e 229, os srs. Eduardo Miguel Correia e Manuel Antunes Barata.

— Apresentado o balancete de caixa referente a novembro findo, o qual se resolveu affixar.

— Tomado conhecimento de que o director da Carreira, attendendo á reclamação da União sobre a qualidade do cartuchame resolveu fornecer aos atiradores, outra polvora para as series de repetição, continuando a mesma em experiencia, no tiro individual e substituindo-se sempre qualquer cartucho que erre fogo.

— Encarregar o sr. Vieira da Silva do archivo da União, accetando para esse fim, o offerecimento do director da Carreira, da cendencia de um gabinete.

— Encarregar o sr. Paula e Mello, para que de accordo com o director da Carreira, dirija e elabore orçamento, para a aquisição de um alvo inflamavel.

— Tratar de até á proxima sessão, se colherem o maior numero possível de adhesões de Escolas d'ensino que se prestem a mandarem á Carreira os seus alumnos cõherem, a expensas da União, a instrução de tiro, de forma que a primeira sessão d'instrução se possa effectuar a 18 do corrente, e seguir-se para isso as instruções do director da Carreira.

— Transferir para 8 de Janeiro o 3.º torneio, visto não haver Carreira em 25 do corrente e no 1.º do anno.

— Pedir a convocação extraordinária do Conselho Gerente, afim de se lhe submeter os seguintes assumptos:

— Distinctivo da União.

— Opportunidade do beneficio.

— Regulamento do Campeonato.

— Subsídios.

— Intervenção da União no concurso official.

Não havendo mais assumptos a tratar foi encerrada a sessão ás 3 horas da tarde.

O SECRETARIO. — *J. Fraga Pery de Linde.*

#### Aviso

Em consequencia de não haver sessão de tiro nos dias 25 de dezembro e 1 de janeiro, fica transferido para 8 de janeiro o 3.º torneio; effectuando-se n'essa occasião a entrega dos premios do 2.º torneio.

O SECRETARIO,

*Eduardo de Noronha.*

#### Resultado do 2.º torneio realizado em 27 de Novembro de 1893

N.º de matricula	NOMES	ALVOS					TOTAL DE TIROS ACEITADOS						Classificação		
		300 metros		200 metros			1	2	3	4	5	6			
		Vermelhas	Branças	Figura	Altas	Repet.								Baixas	Summa
71	Gil Vasques da Cunha Portocarrero....	3	1	4	1	6	6	—	11	—	—	—	—	—	8.º
1	Agostinho Manoel de Sousa.....	1	4	5	6	1	2	3	—	—	—	—	14	—	1.º
80	Ignacio Franco.....	1	3	3	3	—	3	—	9	—	—	—	—	—	—
177	Pedro Franco.....	1	1	1	2	1	2	4	—	—	—	—	—	—	—
88	Joaquim Fraga Pery de Linde.....	1	3	3	3	6	6	—	—	12	—	—	—	—	6.º
93	Joaquim de Sousa Padesca.....	1	2	3	1	4	2	6	10	—	—	—	—	—	—
197	João Consiglieri Pedroso.....	2	1	3	4	1	2	3	10	—	—	—	—	—	11.º
227	Guilherme de Vasconcellos Abreu.....	1	1	1	2	2	2	4	—	—	—	—	—	—	—
224	Joaquim Carrilho Garcia.....	2	1	2	3	6	6	—	11	—	—	—	—	—	9.º
158	Manoel José de Magalhães.....	1	3	3	5	1	5	6	—	—	14	—	—	—	3.º
184	Roberto Rogenmoser.....	3	2	5	1	1	4	5	—	11	—	—	—	—	7.º
13	Antonio Corrêa Pinheiro.....	1	1	1	5	3	—	3	9	—	—	—	—	—	—
193	João de Moraes Carvela.....	1	2	3	1	2	3	6	—	—	—	—	—	—	—
204	João Vieira da Silva.....	1	1	1	2	—	—	3	—	—	—	—	—	—	—
200	Augusto Eustaquio de Seixas.....	2	3	5	1	3	4	9	—	—	—	—	—	—	—
203	Chrysogono Nunes Pinto.....	1	1	2	5	1	5	4	—	11	—	—	—	—	10.º
192	Alexandre Leuzinger.....	1	4	5	2	7	—	7	—	—	14	—	—	—	2.º
176	Nicolau Taylor Vianna.....	1	2	3	1	6	7	—	10	—	—	—	—	—	12.º
198	Pedro Agostinho de Vasconcellos.....	1	3	3	3	2	2	4	10	—	—	—	—	—	14.º
50	Emilio Kesslering.....	2	2	4	4	3	2	5	—	—	13	—	—	—	4.º
222	Augusto Pinto Basto.....	1	4	4	2	4	4	10	—	—	—	—	—	—	13.º
144	Luiz Arêde Correia Saraiva.....	1	2	3	1	3	5	8	—	12	—	—	—	—	5.º

Lisboa, 27 de novembro de 1893.

O JURY

VISTO — O DIRECTOR DA CARREIRA

*Alberto José Vergueiro*

*A. M. da Cunha Bellem  
José Nunes Gonçalves  
Eduardo de Noronha*

## Secção litteraria

### Portugal antigo

*William Beckford e o Principe da Beira*

(Continuado do n.º 151)

V

ESTES estudos exercem sobre nós uma atracção quasi irresistivel, e custanos fugir a essa fascinação. Traçados os primeiros lineamentos, vamos caminhando; de repente surge-nos feito o esboço, e d'ahi invade-nos a tentação do quadro! Mas o quadro multiplica-se — não é um, são mil. Mil assumptos, mil personagens! E' Londres e é Paris. E' a realeza, é a aristocracia, é o clero, é o povo; e em tudo isto as classes — os reis e os principes, a velha nobreza, e a nova — a da toga e a da alta e já influente burguezia das grandes cidades; o alto clero e o baixo, os sabios e os philosophos — os

abstractos que discutem e espalham idéas novas, e os politicos — os que se contém nos limites, nas regiões da theoria, e os praticos, os ambiciosos, que lançam mão d'essas armas terriveis, e com ellas, como formidaveis aríetes, investem os velhos e já abalados baluartes d'aquella brilhante sociedade, a que hoje chamamos, em historia, o antigo regimen.

E como em periodos, como este, as fronteiras de nada valem, as idéas transpõem-nas; a acção e a reacção do pensamento não ficam circumscriptas aos dois paizes; não agitam, não convulsionam só a França e a Inglaterra: a lava do vulcão corre, alastra-se por toda a Europa, e, atravessando os mares, invade a America.

As idéas não tem patria, ou, para melhor dizer, a sua patria é todo o mundo. Aparecem no norte e no sul, no oriente e no occidente; leva-as o missionario, o navegador aventureiro, o miseravel expatriado, o soldado conquistador.

E os ideaes de todos estes obreiros, na maioria inconscientes, e sem previsão de futuros, sempre muito distantes, com as-

pirações egoistas, e portanto acanhadas, poderão falhar, falham muitas vezes; mas, mortos ou vivos, vencidos ou triumphantes, a semente que elles levaram consigo caiu na terra e fructificou! Não attentaram elles nisso — embora. A's gerações succederam-se as gerações; esse germinar, esse fructificar lento, mas constante, não parou, e as novas civilisações passaram da infancia á virilidade.

Quem diria áquelles puritanos inglezes, que desamparavam a patria, fugindo á perseguição religiosa e politica dos outros sectarios, seus rivaes, que naquellas terras da America, longiquos acampamentos de tribus errantes e selvagens, bastariam tres seculos para fazer surgir a nação rica, forte e poderosa, que hoje assoberba e affronta toda a Europa?! E foi esta que a creou.

\* \* \*

Neste caminhar incessante da humanidade é um engano julgar que os grandes focos da sciencia e da arte — que, como os individuos, tem uma vida, com todas as phases do seu desenvolvimento, e que, como elles, nascem e morrem — são fixos, não se deslocam; e outro erro é imaginar que, quando elles perdem as forças de cohesão, que lhes mantinham a influencia e a preponderancia sobre os demais povos, hão de por isso desapparecer de todo, ficando apenas assumpto para a historia, e alimento da curiosidade das gerações, que se lhes seguirém. Essa morte é apparente, e a sua vida, as suas idéas philosophicas, as suas crenças religiosas, os seus principios de direito, a sua moral, os seus costumes, as suas sciencias, as suas artes, a sua politica, nos seus principios fundamentaes, tudo isso fica, como patrimonio da humanidade.

A civilisação tambem tem o seu grande livro do *Deve e Ha de haver*, e ahi tambem se diz: *Somma e segue!* E como tambem é certo, e tem aqui entrada e bom cabimento, o *hoje por mim, amanhã por ti*, não ha vaidades nacionaes, que sejam eternas, como não ha preponderancias, nem supremacias, que não tenham fim.

Nós tambem fomos grandes um dia — que ainda assim durou seculo e meio! Abrimos aos povos da Europa, os caminhos dos mares e das terras da Africa, da Asia, e da America! Reinámos na terra e no mar, e sendo tão pequeninos, maior foi a maravilha!

Com os retalhos do nosso immenso imperio, como dos do imperio de Alexandre, muitos se engrandeceram, e o resto terá, segundo parece — e por culpa nossa — o mesmo destino; mas, se na altura em que se debatem estas grandes questões da philosophia da historia, ha logar para a vaidade e para o orgulho — mesmo quando os inspire o amor da patria — lá temos em frente da grande republica do Norte, o Brazil, a grande republica do Sul, a grande colonia portugueza, para provar ao mundo que os descobridores e conquistadores das terras de Santa Cruz tiveram forças, actividade, constancia, energia e virtudes, para ali fundar, constituir e sustentar um grande e florescente imperio!

*Somma e segue!* Uma grande verdade esta! Todos herdámos e todos legamos — os grandes e os pequenos, os ricos e os pobres, os individuos e as nações. Nós herdámos dos celtas, dos arabes e dos romanos; estes herdaram dos gregos e de todos os povos que conquistaram, e os gregos herdaram da Asia, do Egypto, da Phenicia, de todos os povos orientaes.

A Europa, quasi toda, tem herdado, e vae herdando, de nós! É ainda uma gloria, se não podemos dizer com o mesmo rosto, que seja uma honra, visto que, no recolher d'esta herança, as formulas juridicas nem sempre teem sido respeitadas! Ficam-nos apenas os direitos historicos, o direito da prioridade... Que é para a Historia, para esse grande tribunal, que os povos pequenos appellam — a Historia, que é a justiceira, a suprema vingadora!

Falou ella ha pouco, n'um momento solemne, pela bôca d'um alto principe, herdeiro do grande imperio da Grã-Bretanha e das Indias. Foi em Londres, por occasião do Centenario do famoso descobridor portuguez. A Inglaterra—disse elle—tinha tanto mais o dever de se associar a Portugal na celebração d'aquella data gloriosa, quanto ella tinha sido a maior herdeira dos descobrimentos e conquistas dos seus navegadores e dos seus illustres capitães! E é verdade — tristemente verdade.

D'aqui a seculos, um slavo, um tartaro, um chinês, ou um japonês — Cesar absoluto ou Presidente de Republica — dirá o mesmo, celebrando os sabios, os inventores, e os heroes da civilização anglo-saxonica.

#### *Somma e segue!*

Trabalhemos, e aprendamos nas paginas immortaes da nossa historia, por que no passado temos as raizes do nosso presente. E nas pedras das grandes ruinas, que foram o esplendido edificio das nossas grandezas, afiemos as espadas para as batalhas do futuro!

\* \* \*

Desçamos, e voltemos atraz, ao seculo XVIII, a esse grande periodo de gestação, d'onde saíram as sociedades modernas.

A Inglaterra era então o grande foco, o centro, onde estavam concentrados todos os principios revolucionarios da philosophia, da religião, da poesia, da sciencia e da politica. Popular, entre nós, a historia do ultimo quartel d'aquelle seculo em França, não conhecemos por igual a historia da Inglaterra, no seculo antecedente, desde Cromwell, — e sem esta não se comprehende aquella. São-nos patentes os effeitos, e ignoramos as causas.

Verdadeira anthitese, a Inglaterra é um vulcão, coberto de gelo. A brutalidade e o sentimento, o calculo e a poesia, o scepticismo mais frio e o fanatismo mais exaltado, alli viviam, alli conviviam, sob o mesmo ceu, toldado de nuvens, e tudo envolto, e como dominado, pelo enorme rumor d'aquella vida, cheia dos contrastes da opulencia e da miseria—herdadas uma e outra, e por assim dizer fataes! A tragedia e a comedia de todos os dias—tão asperas, tão sinistras, tão cortadas de incidentes como as do seu grande poeta — Shakespear.

A cabeça de Luiz XVI rolou no patibulo, como antes rolara a de Carlos I. Seculo e meio levaram as idéas novas para atravessar a Mancha, e entrar em França, invadindo, logo de principio, não as choças dos camponeses, mas os palacios dos magnates da aristocracia, dos principes, e dos reis!

Uma conspiração lenta, mas constante, pertinaz, e segura nos seus effeitos. Conspiração realisada, não nas trevas, mas á luz do dia, com o consentimento, com a cumplicidade, e com os applausos da victima ameaçada e agradecida!

Esses invasores, esses conquistadores, vinham, pois, como amigos e em tom de paz.

(Continúa.)

ZACHARIAS d'ÁÇA

Fernandes Costa

## Memorias d'um ajudante de campo

CAPITULO XII

### A batalha do Bussaco

(Continuado do n.º 148)

ENTÃO os officiaes, dizimados tambem pela fuzilaria incansavel que os vem acoessando pela montanha abaixo, logram a custo dispersar as suas tropas em atiradores, fazendo-os seguir isolados pelas ribancieiras e pelas quebradas do terreno, sob o chuvaireiro de balas que do alto desce.

Assim conseguem chegar á falda do monte, os que não ficaram dormindo, pelos declives d'elle, o eterno somno.

O general Graindorge, dois coronéis e oitenta officiaes d'outras patentes, além de mais de mil soldados, foram o primeiro tributo que a bravura e a audacia francezas tiveram de pagar n'esta avançada gloria.

\* \* \*

Diz Marbot, e diz bem, que depois de tal revez, a prodencia ordenava que se não mandassem, de novo, tropas enfraquecidas por numerosas perdas contra inimigos ensurberbecidos pelo exito e continuando a manter-se nas mesmas posições. O general Reynier, porém, não o entendeu assim, e ordenou ás brigadas Foy e Sarrut que voltassem á carga, sendo esse novo ataque permittido por Masséna, testemunha fria e impassivel de semelhante loucura.

Uma hora de esforços inauditos durou a segunda escalada do monte, sem d'esta vez conseguirem attingir-lhe a crista, pois antes d'isso viram despenhar-se do alto d'elle a avalancha de fogo, que inutilizou todos os esforços e mallogrou o ataque. Repetiu-se o morticinio em numero igual ao do assalto anterior, sendo o general Foy um dos feridos de maior gravidade.

Este segundo ataque foi ainda feito contra a frente da mesma terceira divisão, do commando de Picton, apenas um pouco mais longe, sobre a sua direita. D'esta vez, porém, a columna foi repellida por um regimento inglez, e pela brigada portugueza, composta dos coronellos 9 e 21 e commandada pelo regente Champalimaud. Este valoroso chefe recebeu um grave ferimento, e foi tirado do campo de batalha semimorto.

Logo que as forças de Picton se encontraram empenhadas no combate, o general Leith fez habilmente um movimento lateral sobre a esquerda, apoiando-as, e contribuindo para a derrota dos francezes, pelo papel que fez desempenhar a tres dos seus batalhões.

O general Hill, tambem, por sua parte, conduziu tropas frescas ao ponto atacado, ao passo que Reynier, privado de reservas e de artilheria, via-se sem recursos para continuar a avançada, e tinha as suas columnas completamente desfeitas.

\* \* \*

Passava-se isto na esquerda do exercito francez, não sendo, n'esse meio tempo, mais favoravel a sorte ao corpo de Ney, que lhe formava a direita.

Masséna tinha resolvido que o ataque fosse simultaneo, em todos os pontos, e ainda ás sete horas da manhã renovára, n'esse sentido, as suas ordens.

As columnas de Reynier avançaram, como vimos; mas as tropas de Ney apenas começaram a mover-se ás oito e meia.

Desculpou-se o marechal, posteriormente, allegando como motivo da sua demora e das suas hesitações, a enormissima difficuldade que a posição offerecia á investida n'esse ponto. Com effeito, se a serra era escabrosa e empinada na encosta que as tropas de Reynier tiveram de galgar, mais aspera e difficil, sem nenhuma comparação, era a parte da vertente designada, para o ataque, ás forças de Ney.

Como quer que fosse, os francezes tinham acabado de commetter uma falta irremediavel, empenhando o segundo corpo na acção, antes do sexto estar em circumstancias de operar simultaneamente com elle.

Nova falta, maior ainda se é possivel, é a que o marechal Ney acaba tambem de commetter, não dando unidade nem simultaneidade ao movimento atacante das divisões Loison, Marchand e Mermet.

No alto da serra, junto ao convento, estava, como dissemos, a divisão ligeira de Crawford e a primeira brigada portugueza, de Pack. Era a posição dominante, e d'ella penetravam as vistas nos pontos mais baixos e reconditos do valle fronteiro. Subir por alli era empreza temeraria e quasi louca. Ousasse, porém, o inimigo tental-a. Crawford tinha tomado as mais habéis disposições para recebello.

Nas ondulações da chapada, que ficava entre elle e o convento, postára, occultos por ellas, dois regimentos inglezes.

A retaguarda d'estes, cousa de um quarto de milha, em terreno mais alto, e mais perto do convento, collocára a brigada allemã, já por nós mencionada.

Confiára-lhe, a ella sósinha, a defeza d'essa parte da posição. Eram estes os seus apoios da retaguarda.

Na frente das ondulações onde a infantaria se abrigava, havia quebradas profundas no solo, rasgando d'alto a baixo toda a encosta, e dominando a respectiva subida. Por ellas se distribuiu, na crista da serra, como se fossem canhoneiras naturaes, a artilheria da divisão. Toda a frente da montanha era occupada por atiradores e por dois batalhões de caçadores em ordem dispersa. Mal rompera o dia e, não se via nada, com o espesso nevoeiro a que nos referimos já; ouviam-se apenas tiros de espingarda, vindos de baixo, do valle profundo, subindo a encosta avançando. Tudo a postos, tudo á espera do imprevisto quasi, do desconhecido. Longe, afastada, para a direita, tropejava a artilheria. O que iria passar-se? O que se estava passando?

Decorreu mais de uma hora. No entanto, ia-se desfazendo a neblina, perante o sol, que subia. Estava limpo, quasi, o planalto, e o nevoeiro como que descia o dorso negro da serra, em róllos, indo pousar nas profundezas do valle, para se demorar ali. Era mattagosa a ladeira, excavada, e coberta de moitas. Por entre estas, cobrindo-se á cautella, agarrando-se aos penhascos, rasgando-se nos espinhos, começaram então a vêr-se as tres divisões, lentamente, subindo. Na frente d'ellas, isolados, os atiradores, á vontade e em grande numero.

A divisão Marchand, dentro em pouco arranca-se das quebradas e dos mattagões e atira comsigo á estrada, marchando rapida, disposta a tornear a posição, pela direita. A divisão Loison continúa a avançar em frente, prompta para o ataque directo e peito a peito. A divisão Mermet deixou-se ficar constituindo a reserva da força atacante. Então, da divisão Loison, destaca-se para diante uma brigada, a do commando do general Simon, incum-

bida do assalto. Filas inteiras são derrubadas pela fuzilaria dos atiradores de Crawford e pela metralha da artilheria.

Avança ainda a brigada de Ferey e o vigessimo de linha; a metralha varre-os; dos nossos caçadores nenhum tiro é perdido.

Os que escapam, vão avançando sempre, galgam os rochedos escarpados, alcançam as cristas da serra, e caem a braços sobre a artilheria, conseguindo apoderar-se de tres peças. O general Simon tem o queixo partido por uma bala, e cêe prisioneiro, agarrado a uma das bôccas de fogo acabadas de tomar.

Crawford não tivera impaciencias; esperára a occasião opportuna. A frente de 2.000 inglezes e d'um batalhão portuguez do terceiro regimento, dispára sobre os francezes tres descargas á queima-roupa, mata-lhes e fere-lhes quasi todos os officiaes superiores, lança no meio d'elles a confusão e a morte, e traz diante de si, nas pontas das suas bayonetas, pela serra abaixo, aquellas massas desordenadas, fazendo n'ellas mortandade enorme.

Vendo isto, a divisão Marchand, que se encaminhava pela estrada, levando o fito em tornar a direita de Crawford, reconhece que é uma imprudencia continuar marchando em corpo cerrado.

Divide-se, portanto, em fracções, que mutuamente se apoiam, e assim dividida prosegue no seu objecto. Crawford, reconhecendo-lhe o intento, manda sustentar a sua direita pela sexta brigada portugueza de reserva, formada por caçadores 2 e infantaria 7 e 19, commandada pelo brigadeiro Colman.

A brigada toma posição, e espera o atacante. Mal se vêem assomando na encosta as primeiras avançadas francezas, é immediatamente destacado contra ellas, e encarregado de repelil-as, um dos batalhões portuguezes, do 19 de infantaria, sob o commando do tenente-coronel Mac Bean.

O batalhão carrega á bayoneta com tal intrepidez e vigor, que os assaltantes não podem aguentar-lhe a carga, e vêem de tropel pela encosta abaixo, trazer a desordem e o panico ao resto da divisão.

(Continúa.)

### Uma caçada ás cabras no Gerez

(Continuado do n.º 151)

**A**CORDEI ao som e ao echo repetido da voz do amigo Marcel, que dava a caçada por finda, de uma porta no cordão á direita da minha, e d'ella separada por escarpado valle. E lá se foram com aquelle grito todas as minhas esperanças e devaneios, e a substituíl-os o vergonhoso chibato em perspectiva, essa imagem em que se consubstancia a desventura do que nada mata, com o escarneo e desprezo dos outros. A derrota ignobil a substituir o triumpho.

E «desça» — dizia ainda o bom do Marcel. Desapropriada ordem para quem não via senão precipios na direcção que me indicava. Pois desci, com difficuldade, porque, na humilhação, até descer custa, escoreguei antes, assente sem ser nos pés, até ao manso ribeiro que corria no tal divisorio valle onde elle convergira, por egual mau caminho, mas de pé, para vergonha minha, nos taes nunca esquecidos tamancos.

D'ali, com elle na frente e por vereda já trilhada, continuamos descendo a cor-

tar em raio e a pique a volta que levámos duas horas a subir.

Ouviam-se já passos e vozes dos que retiravam, como nós, dos seus postos. E mais felizes? Não ouvira tiros, nem os houvera emquanto dormira, persagio certo de mau exito. E o P. que teria feito ou que teriam feito d'elle? Como sustentára a sua palavra e a honra alfacinha, mais alemtejana n'elle. Com estas interrogações nos iamos approximando do valle mais profundo e do «Homem», a que affluia o nosso e que divide a serra, vejo estacar o Marcel e o ouço exclamar:

— Ah! padre Gaio! Ah! padre Gaio!

Em que pensava o homem? relembra rancores antigos, rivalidades de caça mal extincias?

O padre não deu a volta! Raios o partam! Aqui estiveram ellas, e o padre espantou-as para Hespanha! Olhe.

Eu olhava, mas não via nada. Viá elle, o maldito, uns troncos partidos, pellos, pégadas, que em terra macia comeccei a vêr tambem, e por fim extravo, bem visível esse, cheiroso e fresco, a fumar mesmo alguns. E o Marcel a apanhal-o e a guardal-o n'um dos bolsos do collete. Ah! raio que m'as has-de pagar! Para que lhe serviu os conselhos! É um padre! E hoje fugiram, ha pouco, e desde hontem que aqui estavam. Olhe! mais sêcco. Era o pouso d'ellas!

E na outra algebeira mettia o tal mais sêcco, menos federento biliosamente. E mais não disse, e calado ou fallando em cousas extranhas, com os que já se nos haviam reunido, chegámos ao tal valle, onde se achavam outros, em diversos grupos, commentando e lamentando o mau exito da batida, attribuindo a sem fim de causas, que, a phantasia acima de tudo lhes suggeriu. Approximaram-se os nossos, com o Marcel á frente, que, cada vez mais grave e solemne, se dirigiu ao padre Gaio, que capitaneava aquelles e que, a seu modo, explicava a desfeita.

— Não ha tal exclamou com ira serena o Marcel. Você, mais homem do inferno e do diabo do que de Deus, faltou ao combinado e em vez de tomar a volta por Hespanha, pelas trazeiras da serra, subiu por este valle, por aqui vão as suas pegadas, (e fez mostral-as) e espantou as cabras para lá.

Teve o padre que confessar a falta, mas ao querer, para se salvar, contestar o paradeiro ali das cabras, teve ainda que dar-se por vencido com as provas que o Marcel tão cuidadosamente guardára para o confundir.

Ficaram amigos.

A confissão do padre, embora forçada, fôra sufficiente para abrandar iras, que só estavam nas palavras.

A satisfação do vencedor extinguiu o que n'ellas podesse haver dictado a moralidade e o medo; como bom pastor de Deus, resignára-se christãmente. E, reconciliados, só foi pena que a satisfação não fosse completa para todos, congratulando-nos sobre louros em verde, ou qualquer outra herva symbolica, do triste resultado da caçada.

Nem uma cabra! Nem vista! O estravo, só, para consolação! Era pouco!

E que fome a acossarmos a retirada!

O P. fôra levado, como eu, a um ponto culminante, e d'ali voltava, abatido, a pensar, talvez, no distante que ficavam os confortos de Lisboa, a sua partida de bilhar e as delicias da capital!

Affrouxára-se a disciplina; era uma debandada; ouviam-se tiros por todos os lados; experiencias ao alvo, ás arvores,

gritos, expansão animal sem fito, cantigas a fazer esquecer as tristezas da derrota. E os valles a assombream-se com o desaparecer do sol, e o maior copado das arvores a trazer tristezas novas, das taes desconhecidas, a juntar áquellas. A compensarem-n'as, o sonhado descanço na apetecida casa, que, por si só, mais longe nos parecia ainda.

Dias depois estavam em Braga. Voltáramos por onde fomos. Sem testemunhas, cada qual, não exceptuando o M., subia, na descripção do que fizera, na razão da distancia que o affastava da serra, e aumentava o numero das peças recolhidas. Tudo sem mal, para aformosear o quadro aos extranhos, que não comprehendem caçadas sem heroes nem grandes hecatombes.

Nós, eu e o meu inicial companheiro, é que chegáramos, não sem custo, onde os melhores, como prometteramos e fomos muito além do M.

Este, como general estrategico, deixárase ficar, no segundo dia, em posição recuada, bastante recuada; fôra, até onde o podera fazer, a cavallo! E ali, considerando ainda o seu mando mais honorifico que real, adormecera sobre a espessa relva, á sombra das ramadas, somneca enternecida de libações de agua morna, regimen preventivo de resfriamento a que, ha tempos, espontaneamente se havia sujeito!

E com estas e outras ironias, que ahi ficam dispersas, pago-lhes eu, passados annos, o prazer que me proporcionou da caçada de talvez mais saudosa lembrança para mim!

Além de ingrato, é ser vingativo e reservado!

Deus m'o perdoará, como elle, se vivo fôr.

Annos depois, dois talvez, punha o J. M., contrabandista, á minha disposição, para o que quizesse, a sua pessoa e tantas espingardas como as da caçada que descrevi, como agradecimento ao favor, que me attribuía, de eu o ter livrado de um processo de contrabandista, que sobre elle pendia, injustamente por certo.

\*\*\*

### Pasteis de mau gosto

(Marquez de Cherville)

**P**ELO mez de setembro ultimo, tinha eu tomado logar em um compartimento de terceira classe d'um comboyo que devia levar-me a Chartres, aonde ia no proposito de fazer a minha abertura de caça. Ao meu lado, estava sentado um sujeito que parecia extasiado com o vigor muscular do meu griffon, o irmão da famosa cadella, graças á qual Dumas dotára a cidade de Napoles com uma raça de bons cães de mostra, de que carecia, entre uma infinidade de outras superfluidades.

— O seu cão é muito bem feito, meu caro senhor, — disse elle dirigindo-se a mim. — Eu, porém, já tive um ao lado do qual elle não conseguiria brilhar.

— E eu tambem, — volvi eu.

— Esse meu galgava um muro da altura de sete pés, sem que isso lhe dêsse grande trabalho.

— Outro tanto acontecia ao meu.

— Era um lindo perdigueiro malhado de branco e côr de castanha.

— O meu era a mesma coisa.

— Ah! meu caro senhor, o meu pobre Phanor, não deixarei de pranteal-o durante toda a minha vida!

— Ora, no nome é que começa a diferença, porque o meu chamava-se Stop.

— Stop?! — exclamou o homem — ah! isso tem graça. Não quer saber que um dia veio á nossa casa um sujeito que tinha um cão que dava pelo nome de Stop, o dono chamou-o e Phanor foi ao seu chamamento, como se fôra um conhecimento antigo?!

— Ora essa! — exclamei — mas como fez aquisição d'esse seu Phanor?

— Compreio-o por dez francos a um garoto que o tinha achado, segundo dizia.

— Em que anno?

— Em 1858.

— Mas, então, era com certeza o meu cão, ou, para melhor dizer, o cão do sr. Alexandre Dumas; elle tinha-me pedido para o ter em minha casa.

— Ah! se eu pudesse ter adivinhado, — exclamou o homem batendo na testa — teria ido entregar-lh'o, e a minha fortuna estava feita.

Vi logo que o meu companheiro de viagem descontava, no desespero retrospectivo, a proverbial reputação de generosidade de Dumas, e, se bem que eu suspeitasse que ella não fosse até ao ponto de lhe abrir um titulo no *Razão*, em paga da restituição do desertor, não me dei ao trabalho de desenganal-o; mas perguntei-lhe o que era feito de Phanor, ou, para melhor dizer, de Stop.

— Morreu assassinado, meu caro senhor; o peor que se pôde imaginar! Vou contar-lhe essa historia, que é o mesmo que contar a minha infelicidade, porque é certo que, se esse grande homem tivesse podido fazer referencia do meu nome aos seus leitores, ficaria, em breve, não só rico, mas celebre. Era pasteleiro na minha terra. Achava-me estabelecido em Melun. Tinha uma especialidade de pasteis de coelho, com os quaes sonhára alcançar uma fortuna; é forçoso, porém, confessar que, apesar da sua superioridade, não lograva triumphar da indiferença gastronomicas dos meus compatriotas.

Tres quartas partes dos meus products aboleciam na loja, caminhava a passos agigantados para a ruina, pensava já em me retirar para o campo, e foi com esse sentido que fiz aquisição de Phanor.

Levando-o commigo de Paris, prendio-o no pateo. Pelo meio da noite, ouvi um ruido; desci e pude ver que o cão tinha quebrado a cadeia, e passeava sobre o muro com uma qualquer coisa branca na bocca; chamei-o e elle veio ter commigo. Essa qualquer coisa era nem mais nem menos do que um gato, um gato soberbo, que elle acabava de matar. Enquanto eu analysava a victima, lá desapareceu novamente, e, de manhã, tinha mais tres gatos em torno da casota. Pelo meio dia, o meu fornecedor de coelhos ainda não tinha chegado, o forno estava quente, não sabia com que carne havia de fazer os pasteis, quando me lembrei da caçada do Phanor. Não posso ter a vaidade de querer para mim toda a gloria de ter vencido esse preconceito. E' forçoso confessar, meu caro s'nhor, que o acaso tem sempre o seu quinhão n'estas descobertas da intelligencia.

Tinha tão pouco gasto os meus pasteis, que, com verdade, bem pouco arriscava com essa substituição. N'esse dia, foi um tabellião de Melun que, de sobreceño carregado, me veio comprar uma duzia de pasteis; e lá foi embora. Julgava-me perdido e passei uma noite agitado. Ao ser dia, batia-me o tabellião á porta, não para me apresentar queixas, mas, sim, as suas felicitações. Amiens, Pithiviers, Chartres, ficavam distantes, — dizia elle; o me-

recimento dos meus pasteis correrá mundo; a datar d'esse dia os consumidores affluiriam ao meu estabelecimento e eu não teria mãos a medir.

Compreende-se bem que eu não tratasse de modificar os elementos que começavam a cimentar a minha fama; em primeiro logar, porque eram economicos; em segundo logar, porque não ficava nada bem dizer assim tacitamente aos meus freguezes que elles não passavam de ser uns imbecis. — Phanor e eu estávamos na brecha. Ah! meu caro senhor, aquillo era bom de mais para poder durar.

A pouco e pouco, foram notando a diminuição progressiva dos gatos da cidade; as comadres entregaram-se a um concerto de lamentações, bem naturaes, aliás, em uma terra onde ha por costume gritar antes mesmo de acontecer o mal. Por outro



Raul Mesnier de Ponsard

Distincto engenheiro civil. Socio da União dos Atiradores Civis Portuguezes e da Associação dos Caçadores Portuguezes

lado, a fama que ia alcançando criava-me invejosos. Um homem de Auvergne, a quem eu costumava vender as pelles, trahiu-me.

Um dia, não só o elemento preciso, mas até o proprio Phanor, me faltou. No dia seguinte, era o dia de Santa Barbara. Apesar dos transeos porque estava passando, na minha qualidade de sargento, não podia deixar de comparecer no banquete dos bombeiros municipaes.

Um serviçal collocou no meu prato um acepipe qualquer, que eu machinalmente accetei; levei uma parte á bocca, mas o meu pensamento não estava alli; era uma carne negra, dura, fibrosa, a que não pude achar gosto; puz-me a pensar de que animal poderia ser, quando, reparando nos commensaes, notei que elles não comiam do prato de que eu tinha sido servido. Quando vi todos os olhares assestados sobre mim com uma expressão de curiosidade motejadora, uma ideia terrivel atravessou-me o espirito; repelli o prato com horror, e uma gargalhada geral fez-me comprehender que não me enganára.

Tinham-me applicado a pena de talião: tinha-lhes dado gato, e elles acabavam de me servir Phanor!

E tal foi o desenlace da existencia, em verdade, bem accidentada de Stop, o famoso cão do meu caro Dumas. Ainda me custa esta lembrança, mas, em summa, consolemo-nos, repetindo sempre como o musulmano: «Estava escripto!»

(Tradução autorizada).

ERNESTO VIANNA.

## CAÇA

Raul Mesnier de Ponsard

Ha pouco tempo, diziamos nós, a proposito de uma gravura que publicámos, que breve teriamos que nos occupar de Raul Mesnier; um dos nossos melhores e mais queridos amigos.

Mesnier, como homem, tem o melhor coração do mundo, é bom até á ingenuidade; quando a miseria se accerca d'elle não tem tempo para verificar da sua identidade; em silencio, leva a mão ao bolso, e, não pergunta a este o que lá fica, nem aquella o que deu. Não ha afflicção que o não prenda.

Como profissional é um engenheiro civil, distinctissimo; se outros factos não hovessem a proval-o ahi estavam os elevadores de Lisboa, desde o do Lavra até ao do S. Julião-Bibliotheca.

O seu espirito emprehendedor e febril leva-o a dedicar-se a construcções e variados estudos, desde a construcção de caminho de ferro, etc., até ao fabrico e invenção d'armas portateis de fogo, no que tem consumido avultada dose de tempo e de dinheiro, esperando em breve vêr o seu problema resolvido.

Caçador, é dos mais distinctos e apaixonados, não o eleva só o prazer da caça, é tambem um artista de fino gosto; das caçadas em que entra resulta sempre trabalhos photographicos, em que a par de lances de caçadas, ha as mais bellas paisagens, que por mais de uma vez teem illustrado as nossas paginas; é um artista na verdadeira acceção da palavra.

Não é da indole d'esta publicação o fazer biographias, por isso nos limitamos a estes traços geraes que dão a idéa do que é Raul Mesnier; se assim não fosse muito haveria que dizer.

Enthusiasta por todos os sports, e patriota de lei, foi um dos fundadores da extincta Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, pertencendo hoje á União dos Atiradores. E' socio fundador da Associação dos Caçadores Portuguezes, pertencendo tambem á Associação protectora de caça em tempo defezoz; e é nosso assignante desde a primitiva.

O nosso amigo, soffreu ha pouco um violento ataque de rheumatismo, que o tem obrigado a guardar o leito, por bastantes dias; achando-se actualmente um pouco melhor; o soffrimento n'elle tem sido duplo, pois que, a par do mal estar physico ha outro maior para elle, que é o ver-se prezo á impossibilidade de exercer a sua muita actividade; fazemos votos pelo seu prompto restabelecimento.

A publicação do seu retrato, era uma divida antiga, para *O Tiro Civil*, que a paga hoje cheio de jubilo.

### A «Poupa»

Não ha caçador algum de certo que não conheça este bonito voador, mas o que muitos ignoram é, que a sua carne é muito mais saborosa que a de qualquer outra das nossas peças de caça do ar.

E' pena que a *Poupa* não tenha o corpo da perdiz. A *Poupa* não é pórcia como vulgarmente se acredita, se o seu ninho é imundo é o só quando tem creação porque na postura ou mesmo no choco é aceiado; logo a tal imundicie, é o escremento dos filhos e não... o que reza a historia!

A *Poupa* não é ave de arribação como muitos a julgam, e se a não encontram no inverno em muitos logares do norte do nosso Portugal, é porque o frio a obriga a escolher o sul onde o clima é mais temperado.

A sua carne é saborosissima mas os ossos... os cães não entram com elles!... Devem ser repugnantes, muito mal gostosos para que aquellos carnivoros os não passem ao *estreito* com aquella limpeza com que costumam fazer a todos os outros. A proposito vou contar como soube estes promenores. Um dia fui mais dois companheiros ás lebres para as charnecas do Gavião; um dos meus companheiros não era d'ali, é do Sattam; um bom rapaz, bom amigo, muito conhecido no sport cynegético... e um D. Juan terrível que para mal dos seus peccados estava no Gavião *soffrendo os picos do officio*. Fomos ás lebres, como ia dizendo, quando a meio caminho da charneca uma *Poupa* teve a triste lembrança de se pousar n'uma oliveira da nossa frente.

«Atire-lhe ó Heitor, se a vê» me diz o meu companheiro de Sattam.

—Para quê, para perder um tiro caso a mate? Uma gargalhada me respondeu.

—Bem se vê que você nunca provou carne de *Poupa*.

Coube então a vez de eu e o outro nosso companheiro nos rirmos também.

—Pelo que nos diz, o senhor já a comeu?! Deve ter bom gosto deve... ah... ah...

—Não se riam; onde é que ella pousou que eu a mate?

—Se o sr. Manuel de Jesus diz isso a sério então espere que eu a mate... *pum...* e a pobre ahí vem de ramo em ramo até cahir no chão. O' sr. Caixeirito apanhe-a lá e verá que até se está a derreter de gorda! Effectivamente era mesmo um *torrão!* Ficámos admirados. Não se admirem, agora, quando a petiscarmos fallaremos.

Eu como farnel usual costumava sempre conduzir n'uma especie de mochila, uma frigideira pequena de ferro esmaltado, ovos e chouriço. «Bivacamos» junto a uma fonte no topo d'um valle e começamos a tratar da paparoca. Fez-se lume, umas trempez de pedra, frigideira em cima, chouriço a chiar com o calor, e a... *Poupa* lá se vae derretendo a pouco e pouco, e nós a rirmo-nos a bom rir. Agora os ovos, diz o Caixeirito... que rico cheiro!... Melhor hade saber, dizia o Manuel de Jesus. Prompto, diz o cosinheiro (que era eu), vamos a isto. Francamente apesar do *acepipe* cheirar bem, não foi sem uma certa repugnancia que comecei a provar

(por ser tão pouco); mas... verdade, verdade, era delicioso!

Eu não vos dizia seus gavionenses que não sabiam o que era bom!? O que vocês não sabem é que nenhum dos cães é capaz de comer os ossos.

O quê, você está doido, a minha cadella é capaz de comer este mundo e o outro, não ha um demonio mais guloso do que ella... e não havia agora de comer os ossos? Então experimente. «*Pechenella*», bôcca... bôcca... a cadella apanhou o osso no ar, mas ao mesmo tempo largou-o logo, ficando a olhar para elle e para nós. Gargalhada geral retumbou pelo valle abaixo. «*Calçado*», bôcca *Calçado*, chama o Caixeirinho por um bello cão coelhoiro que se aggregou no caminho aos nossos e que provavelmente trazia a barriga a dar horas bôcca... tóma... os outros cães estavam todos em *sentido*; mal o osso se solta da mão, o *Calçado*, salta mais lesto do que os outros, agarra-o, dá-lhe ainda uma trincadella mas larga-o logo. Os outros cães chegam-se para apanhar alguma migalha, mas apenas lhe tocam com as ventas recuam. Riamo-nos a bandeiras despregadas, chegando o riso ao cumulo quando o cão principia com engulhos e a barriga em folle... rebolavamo-nos pelo chão!...

Fiquei com que contar e ainda hoje quando tal me lembro não posso suster o riso.

HEITOR JACOME.

### Escolha e ensino do cão

(Continuado do n.º 148)

QUAL o typo caracteristico do perdigueiro peninsular?... Os melhores entendedores vacilam na resposta que a nosso ver não pôde ser positivamente verdadeira. Os typos, raças e variedades encontram-se por tal fórma abastardadas que quasi é insuperavel remontar á origem de qualquer d'ellas.

Os antigos descrevem um typo de perdigueiro pouco docil e muito resistente; um animal fogoso, espadado, forte e musculoso, com o peito largo e o olhar intelligente, com o frontal desenvolvido e o craneo bombeado, tendo geralmente o manto branco manchado de laranja, castanho ou negro. Tinha as orelhas de tamanho mediano, bem quebradas na base, de forma que vendo o animal de frente quasi formam uma linha recta com a sionetta do craneo. E' também pouco mais ou menos este o typo que nos apresentam os quadros e gravuras da epoca.

Respeito a qualidades de caça, descrevem alguns auctores este animal como verdadeira rautilha.

Caçava a *meio galope* e tinha ventas finissimas.

Pelo que deixamos dito adivinha-se no perdigueiro d'este typo, o precursor do pointer, que não é outra cousa mais do que o aperfeiçoamento do *old spanish pointer* como dizem os entendedores e escriptores inglezes das especialidades.

(Continua). HENRIQUE ANACHORETA

### Para meditar

COM a derogação dos poderios feudaes, data do reinado de Napoleão I a criação, em França, da licença de porte de arma que custava então 30 francos, preço

que no tempo da Restauração foi reduzido a 15 francos.

O thesouro recebia em 1834, um milhão e duzentos mil francos do imposto de licença de porte d'arma, e em 44 quando foi decretada a nova lei de caça, este rendimento era já quasi duplo, mas não obstante isso foi a taxa de licença elevada a 25 francos e substituida a licença de porte d'arma pela licença de caça.

Em 1875 começou a sujeitar-se a licença de caça a um adicional estabelecido pela lei de 71, pagando hoje cada caçador 28 francos dos quaes 18 pertencem ao estado e 10 á municipalidade.

Segundo as ultimas estatisticas é de 450:000 o numero de caçadores munidos da competente licença que concorrem para os cofres do estado com a *insignificante* quantia de 12.600:000 francos ou sejam 3.528 contos de réis.

Andam por dois milhões e novecentos mil os cães matriculados nas diferentes municipalidades, cujo imposto é de proximatemente 3:000 contos.

Não entrando em linha de conta com o fabuloso rendimento da caça das propriedades do Estado; com o imposto sobre os estabelecimentos de avicultura e venda de caça morta ou viva; com o augmento de contribuição lançada sobre as propriedades que tem o duplo rendimento da caça e da exploração agricola, vemos que o thesouro francez recebe *apenas* 6:528 contos de licenças de caça e de cães.

Aos governos de Portugal não merece a pena lançar as vistas pela regularisação d'este ramo de riqueza e de rendimento publico!...

H. OLAVRAC.

### Associação dos Caçadores Portuguezes

(Esta revista é órgão official da Associação)

#### Parte official

Sessões da direcção de 6 e 13 de corrente

COM a assistencia de todos os membros da direcção, encetaram-se os trabalhos preliminares do apuramento de contas e relatorio, referente á gerencia que finda no corrente mez.

Foram lidas diferentes peças de correspondencia, entre ellas um officio do vice presidente da direcção, officio que adeante publicamos e sobre o qual resolveu a direcção estudar a fórma pratica de realizar a exposição de caça, debaixo da iniciativa da Associação.

Trataram-se diferentes assumptos que prendem com a repressão de abusos e com a organização do canil e carreira de tiro.

#### Exposição de caça

Eis o officio a que se refere a acta da Associação dos Caçadores Portuguezes:

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente e mais membros da direcção da Associação dos Caçadores Portuguezes.

Em 22 de maio de 1895 reuniram-se na redacção de *O Tiro Civil* e a convite d'esta, os srs. Alberto Girard, Carlos Frederico de Simas Buys, Eduardo Leal, J. Werlhause, J. P. Godinho de Paiva, padre Antonio d'Almeida, Visconde de Athougua, Zacharias d'Aça, Palermo de Faria, e este vosso collega.

O motivo d'esta reunião teve por origem uma lembrança minha para se effectuar uma exposição de caça, entrando: armas, utensilios, despojos, ornamentações, legislação, etc; esta ideia foi ampliada pelo sr. Palermo de Faria, então meu co-proprietario de *O Tiro Civil* e seu redactor, para que a exposição fosse de caça e pesca; foi pois a redacção d'esta revista que tomou a iniciativa de tal empreendimento. A esta reunião outras se seguiram na redacção do

*Commercio de Portugal* sendo em uma d'ellas eleita uma commissão para ir a El-Rei pedir-lhe que accettesse a presidencia effectiva da commissão executiva da Exposição. Essa commissão ficou composta dos srs. Visconde de Athouguia, Palermo de Faria, Brito Aranha, padre Antonio d'Almeida, Alberto Girard, e Anselmo de Souza; em 12 de junho seguinte era esta commissão recebida por El-Rei que se dignou aceitar a presidencia effectiva da commissão executiva, ficando esta composta pela seguinte fórma:

Presidente — El-Rei.  
Secretarios — Conde de Arenoso e Palermo de Faria.

Thesoureiro — Luiz Wasa C. de Andrade.  
Vogaes — Alberto Girard, Anselmo de Souza, padre Antonio d'Almeida, Simas Buys, E-luardo Leal, Luiz Oliva, Brito Aranha, Raul Miesnier, V. Chagas Roquette, Visconde de Athouguia e Zacharias d'Aça.

Isto passava-se em principios de Agosto, depois... mais nada!

Todos estes factos se acham exarados e desenvolvidos nos n.ºs 12, 13, 14, 15, 16, 18, 20, 21 e 22 de *O Tiro Civil* do anno de 1895

Duas cousas me doeram. A primeira vêr laudada ao esquecimento a minha ideia; segunda, vêr-me ligado ao tal esquecimento em que nos ficámos, contra o qual eu reagi e que bastante maguou alguns dos cavalheiros por mim citados.

Hoje, passados mais de tres annos, sem que durante este tempo, ninguém se lembrasse de renovar a iniciativa da exposição, venho á direcção da *Associação dos Caçadores Portuguezes*, á qual me honro de pertencer, levantar de novo tal empreendimento, apresentando a seguinte:

#### Proposta

1.º Que a *Associação dos Caçadores Portuguezes* procure realisar, como hoje lhe compete, uma exposição exclusivamente de caça conforme a ideia inicial do proponente.

2.º Que para esse fim se entenda com todos os clubs ou associações cinegeticas que existam no paiz.

3.º Que empregue todos os seus esforços para que a exposição se possa realisar no proximo mez de maio de 1899.

Deus guarde a V. Ex.ª — Lisboa, 23 de Novembro de 1898.

Anselmo de Souza

#### Avisos

São prevenidos os socios de que está aberta a inscripção até ao dia 7 de janeiro proximo, para uma caçada aos patos, 12.ª caçada da Associação: o custo dos bilhetes é de 4000 réis cada um.

São por este meio avisados os socios de que tendo sido approvedo pela direcção o modelo do emblema pessoal que deverá ser gravado em prata dourada, o gravador não se encarrega da abertura dos respectivos cunhos sem que se achem inscriptos 250 socios que desejem esse distinctivo.

O emblema em prata dourada com a competente fivella e fita custa 10000 réis; está aberta a inscripção.

Em cumprimento do programma que presidiu á fundação da Associação dos Caçadores Portuguezes, desça a direcção organisar o canil onde os socios possam recolher os seus cães nas melhores condições de economia, salubridade e hygiene e para avaliar do espaço e installações a que tem de proceder em breve, pede aos socios que desejem utilizar-se d'esse melhoramento, a fineza de prevenir a direcção, dizendo o numero e raças dos animaes que deseja depositar.

Recommendamos aos socios da associação que teem direito ao bonus de 5% no estabelecimento de espingardeiro de Fernando de Andrade Ventúria na travessa de S. Domingos n.º 48 a 56, para o que basta munir-se do bilhete de identidade que deve ser requisitado na secretaria da associação, Praça Luiz de Camões, 46, 2.º

São por este meio prevenidos os socios, que todas as communicações, avisos ou lembranças de qualquer ordem, lhes serão feitas, neste local de *O Tiro Civil*, por isso que é o orgão official da associação, afim de evitar as despesas de impressos, sellos, expediente, etc.

O SECRETARIO

Henrique Anachoreta.

#### A decima primeira caçada organizada pela direcção da Associação dos Caçadores Portuguezes

Foi mais um triumpho para a direcção d'aquella agremiação, que cheia de boa vontade iniciou entre nós as digressões venatorias a que a boa ordem, a previdencia dos organidores, o resultado das caçadas e a alegria dos convivas gravam uma recordação indelivel. A caçada realisou-se como estava annunciado, na magestosa Lagôa de Obidos, que a pedido da Associação tinha sido mandada abrir pela Municipalidade de Obidos.

As 7 ¼ de quarta feira partiam os caçadores em carruagem especial em direcção ás Caldas da Rainha, a viagem foi como sempre animada pelos descantes e toques de guitarra, partidas de bluff e voltarete. Nas Caldas, os socios tomaram logar nos carros que os aguardavam e conduziram até á Foz do Arelhão, onde a direcção da Associação tinha alugado uma casa e feito preparar uma refeição.

Não obstante a boa disposição das cousas surgiu um contratempo que se explica por um desaguiado que houve na occasião em que o povo procedia á abertura da Lagôa, o canal ficou incompletamente feito e a arrebentação das aguas deu-se apenas ás 5 horas da manhã de quinta-feira, o que transtornou, em muito, o melhor exito da caçada. Na realidade a Lagôa tinha uma extensão enorme, que offercia á caça facil defeza e a força da corrente em breve tornou exhautos os remadores.

O embarque fez-se proximo das 11 horas da manhã e magnificamente dirigido pelo socio Henrique Salles; deu-se o primeiro ataque ao Bahio, e todos os que assistiram a elle ficaram impressionados com a imponencia do spectaculo.

Era realmente bello vêr aquella flotilha de bateiras embandeiradas, com o estandarte da Associação á frente, apertar a caça n'um semi-circulo de fogo, e toda aquella vida, todo aquelle movimento a reflectir-se nas aguas chrystallinas da Lagôa.

Não pode realisar-se mais do que o segundo ataque, porque a extensão da Lagôa e a hora avançada a que se effectuou o embarque não o permittiram, no entanto o resultado da caçada foi dos melhores, attendendo ao numero dos caçadores; pelos socios foram abatidos 98 galeirões e 2 gavinias, sendo muito melhor a caçada feita pelos terrenos.

Assistiram os seguintes socios: José Alves Troni, João Antonio da Cunha, Luiz Waza de Andrade, Ricardo Freire, Henrique Salles, João Martins, Izidro Marques, Luiz Blanco, José Cordeiro Blanco, Arthur Andrade, Jayme Pereira Coutinho, Dr. Henrique Anachoreta, D. Luiz da Cunha Menezes, José Beirão, João Afonso dos Santos, Guilherme Fonseca, José Estevam da Silva e Souza, João de Figueiredo, Esteves, Francisco Marques Junior, Ernesto Salles, Antonio Lino, Luiz Salles, Victorino Almada, João Cupertino dos Santos, Arthur d'Oliveira, Raul Barbosa, Arthur Metello Vasques, José Vicente, Gomes Cardoso, Maury, Penseouneau, etc.

A caçada foi habilmente dirigida pelo sr. Henrique Salles, auxiliado pelos srs. Antonio Bento e Dr. Henrique Anachoreta; a parte culinaria esteve a cargo dos srs. João Antonio da Cunha e Arthur Vasques, que foi consagrado o Vatel da Associação; a todos está a direcção altamente reconhecida pela sua boa vontade e dedicação.

A pedido de diferentes socios realisa-se brevemente a 2.ª caçada da Lagôa.

#### Sociedade de tiro aos pombos

Tapada da Ajuda

No dia 4 do corrente teve logar o tiro de abertura da época 1898-99, tomando parte 6 atiradores:

El-Rei, marquez de Fayal, conde de Ximenes y Molina, conde de Bois d'Aiche, ministro da Belgica, Alfredo O'Neill e Alberto O'Neill.

Houve 7 series a tiro simples, sendo mortos 104 pombos em 152.

Ganharam as pulas:

El-Rei, 3; conde de Ximenes y Molina, 1 ½; conde de Bois d'Aiche, 1; Alberto O'Neill, 1 e Alfredo O'Neill ½.

El-Rei teve muitos tiros d'um effeito surpreendente, ora matando o pombo á primeira tentativa de vôo, ora deixando-o alargar a distancia a que ninguém julgaria que pudesse ser derribado.

Estreou-se n'este divertimento o sr. Alberto O'Neill que mostrou vir a ser um excellente atirador.

A tarde esteve boa. Assistiram muitas pessoas, tanto na parte reservada como na destinada ao publico.

\* \*

No dia 6 teve logar o 2.º tiro da época, em que tomaram parte seis atiradores:

El-Rei, marquez de Fayal, conde de Ximenes y Molina, Luiz de Sommer, Alfredo O'Neill e Pinto Leite.

Houve 9 series todas a tiro simples, sendo mortos 67 pombos em 110, e ganhando as pulas:

El-Rei 4, Alfredo O'Neill, 3; conde de Ximenes y Molina 1 ½ e marquez de Fayal ½.

\* \*

No dia 10 teve logar o 3.º tiro, comparendo cinco atiradores: El-Rei, marquez do Fayal, conde de Ximenes y Molina, dr. Manuel de Castro Guimarães e Luiz de Sommer. Houve 7 series a tiro simples e 1 a tiro dobrado, sendo mortos 62 pombos em 83 e ganhando as pulas:

El-Rei, 4; conde de Ximenes y Molina, 2; dr. Manuel de Castro Guimarães, 1 ½ e marquez de Fayal ½.

El-Rei retirou antes de acabada a sessão de tiro:

S. M. partio no dia 12 para Villa Viçosa, onde vae fazer grandes caçadas. Tenciona regressar no dia 22 ou 23.

#### Associação protectora de caça em tempo defezo

Como estava annunciado, realizou-se no domingo 4 do corrente a caçada na Gandara, levada a effeito pela commissão venatoria d'esta associação, que foi muito concorrida, indo tambem alguns socios da Associação dos Caçadores Portuguezes.

O resultado, porém, não correspondeu á boa vontade dos organidores, apesar de se ter visto muita caça, nem menos de 20 javardos, não poude ser abatido nenhum, devido a varias circumstancias, sendo uma d'ellas o alcantilado dos ternos e a breveza e espeçura do mato.

Em futuras caçadas será altamente conveniente evitar as deficiencias que se deram n'esta.

Foi pena, porque, caçadas d'aquellas, tornam-se onerosas, assim como são de feição a derrotar os mais valentes.

## VELOCIPEDIA

### Sport Club do Pará

Com uma concorrência de mais de 4.000 pessoas realizaram-se no dia 15 do corrente as projectadas corridas velocipedicas, na pista do Sport Club do Pará, em commemoração do advento da Republica e adhesão do Pará ao novo regime.

Damos em seguida o resultado:  
 1.<sup>a</sup> Corrida. — 1:225 metros — 1.<sup>o</sup> Arnaldo Veiga, 2.<sup>o</sup> Augusto Lobato, tempo 2' 45".  
 2.<sup>a</sup> Corrida. — 2:450 metros — 1.<sup>o</sup> Annibal Aguiar, 2.<sup>o</sup> Fructoso Barros, tempo 4' 25".  
 3.<sup>a</sup> Corrida. — 1:225 metros — 1.<sup>o</sup> Severiano Pampolha, 2.<sup>o</sup> Eurico Canavarró, tempo 2' 26" 4/5.  
 4.<sup>a</sup> Corrida. — 5:000 metros — 1.<sup>o</sup> José Danin, 2.<sup>o</sup> Americo Gadelha, 3.<sup>o</sup> Rodolpho Pauli, tempo 8' 48" 4/5.  
 5.<sup>a</sup> Corrida. — 2:450 metros — 1.<sup>o</sup> Jacynto Benoliel, 2.<sup>o</sup> Renato Savenay, tempo 4' 55".  
 6.<sup>a</sup> Corrida. — 1:470 metros — 1.<sup>o</sup> José Noronha, 2.<sup>o</sup> Herculeano Gonçalves, tempo 3' 1".  
 7.<sup>a</sup> Corrida. — 1:225 metros — 1.<sup>o</sup> Abelarde Silva, 2.<sup>o</sup> Oliveira da Paz, tempo 2' 5".

A quarta corrida denominada *Grande Premio da Intendencia Municipal de Belem*, que foi a sensacional do dia, causou extraordinaria impressão, pelo modo bizarro como foi corrida por todos os disputantes; os premios d'esta corrida foram em 1.<sup>o</sup>, uma medalha de ouro com uma estrella cravejada de brilhantes, em 2.<sup>o</sup>, medalha de ouro com um lindo brilhante, e em 3.<sup>o</sup>, medalha de ouro.

O jury era composto pela seguinte fórmula:

*Commissarios.* — Dr. Paes de Carvalho, Dr. João A. Luiz Coelho, Visconde S. Domingos.  
*Directores da Corrida.* — J. Marechal, Eduardo Cruz, Eugenio Soares, Vasco Abreu.  
*Juizes de Partida.* — 1.<sup>o</sup> tenente Manuel Ignacio da Cunha, Jayme Abreu.  
*Juizes de Chegada.* — Dr. Manuel Odorico Nina Ribeiro, Delphim Guimarães.  
*Chronometpeurs.* — José Calheiros, Th. White.  
*Contadores de Voltas.* — Martins Junior, Walter Costa.

*Fiscaes de Pista.* — Oliveira da Paz, Theophilos Soares, Augusto Guerreiro, João L. La Rocque Junior, José Malcher, Aury Armando Velho, Edmundo Silva Frederico, La Rocque e Arthur Cardoso.

*Policimento da Pista.* — Ernest Krum, E. Cmoch, José Amazonas d'Almeida, Arthur Pereira, Robillard H. Fall, Antonio Santos, José Santos, Victor Veiga, A. Moore, Alfredo La Rocque, Arthur Costa, Affonso Haas, Christo Perreira de Sousa e Cesar Lamarão.

Assistiam a estas corridas o Governador, vice-governador, Intendente Municipal, membros do senado, camara dos deputados, representantes de sociedades, autoridades civis e militares, innumeradas familias da primeira sociedade de Belem e muitas pessoas do povo.

Foi uma bonita festa e a razão primordial do realce que todos lhe notaram foi ella ter sido realisada na sede d'aquelle sympathico e festivo centro associativo, que tão honrosas e immorredouras tradições conta já na vida elegante de Belem.

Cavalheiros, senhoras e creanças, tudo ali tinha um ar de grande satisfação, a apparencia de quem se sente bem, e era de ver o interesse e enthusiasmo com que assistiam ao bello torneio velocipedico.

Os vencedores foram ruidosamente victoriosos.

Projectam-se para o proximo dia 18 de dezembro outras corridas velocipedicas.

Belem do Pará, em 19 de novembro de 1898.

Cyclamour.

### Regatas em Belem do Pará

Effectuaram-se em 16 do corrente as regatas em commemoração do advento da Republica.

Na primeira corrida, escaleres a quatro remos tripulado por meninas, coube a victoria ao escaler *Almirante Barroso*, dirigido pela menina Violeta Pontes de Carvalho.

No 2.<sup>o</sup> (velocipedes maritimos) só chegou á meta o sr. Alfredo Gadelha, dos outros inscriptos, um desistiu e o outro virou-se.

No 3.<sup>o</sup> para escaleres de 12 remos tripulados por profissionais, ganhou o *Guamá*, patrão Faustino.

No 4.<sup>o</sup> escaleres de 6 remos para amadores,

ganhou o *Sport Club* 1.<sup>o</sup>, tripulado por J. Calheiros, Eugenio Soares, Augusto Guerreiro, Booding, João La Rocque, Th. White e Delphim Guimarães. (patrão)

No 5.<sup>o</sup> escaleres de 6 remos para amadores ganhou *Sport Club* 2.<sup>o</sup> tripulado por José Danin, Eduardo Cruz, Christo Pereira, A. Montard, Alfredo La Rocque, Fritz e Jayme Abreu. (patrão)

No 6.<sup>o</sup> escaleres a 4 remos para amadores ganhou o *Serpa Pinto* patrão J. Santos Guimarães.

No 7.<sup>o</sup> escaleres a 4 remos profissionais ganhou o *Renato* patrão Manuel Maria Pinto.

No 8.<sup>o</sup> escaleres a 4 remos para amadores foi annullado, em vista de no meio da corrida ter-se submergido um dos escaleres, sendo salvos pelo *Fanny*, escaler competidor e tripulado por socios do Sport Club.

Alguns entusiastas por este genero de sport projectam novas regatas, em regresso da vinda aqui do cruzador portuguez *Adamastor*.

Belem do Pará, 18 de novembro de 1898.

Golphinho.

## PHILATELIA

### Falsificações

(Continuado do n.º 148)

#### Benin.

Apparecem muitas sobrecargas pretas BENIN, falsas, em sellos colonias francezes, typo 1982, de 40 c. e 1 fr.

Teem o B completamente fechado e o anel inferior da mesma letra mais redondo do que o superior.

Os sellos de 10 c., vermelho 15 c. verde, 75 c. preto e 75 c., vermelho 115 c. azul, apparecem tambem falsas. N'essas falsificações o corte do 5 é mais curto 1 1/2<sup>mm</sup> do que nos bons.

#### Colonias francezas.

Os sellos colonias francezes, de taxa devida, de 1/2 e 5 francos, castanhos avermelhados, foram reproduzidos pela photographura. Conhece-se a *batota* pela qualidade do papel, que nos é falsos menos claro e mais fino.

#### Diego Serarez.

Por meio da photographia obteve-se uma grosseira reproducção dos *provisorios* de 1890.

A impressão é pastosa e o carimbo formado por dois circulos concentricos muito distantes.

#### Egypto.

O 5 e o 10 piastres (1866) apparecem *arranjados* pela seguinte forma: Tendo o falsario obtido alguns *ensaios* em papel liso e grosso, tratou de *adelgaçar* o papel e de picotar esses ensaios.

Ha, porém um meio infallivel de reconhecer a fraude. E' a ausencia da filigrana.

#### Oil Rivers.

Ha muitos sellos inglezes com o sobrecarga falsa d'este protectorado.

O S de RIVERS é muito aberto e os OO de PROTECTORATE são redondos, em vez de ovaes.

Continua. J. FRAGA PERY DE LINDE.

## DIVERSAS

### J. A. Bentes

RECEBEMOS um livro, que, por este cavalheiro nos foi amavelmente offerecido e que tem por titulo *Collecção de artigos publicados*

no «*Jornal do Commercio*» por J. A. Bentes sob a epigrapha «*Considerações acerca do livro*» — *Intrudução ao Estudo dos Conhecimentos Militares* — escriptos pelo major do Estado Maior, Sebastião Telles.

E' uma apreciação correcta e scientifica do trabalho do actual e illustre ministro da guerra. Traz duas magnificas photographuras do autor, uma representando-o fardado de tenente de infantaria em 1871 e outra á paisana em 1898.

Registada a offerta falta-nos agradecer-a ao seu autor, o que fazemos muito agradecidos.

### Revista de Infantaria

Recebemos a visita d'este nosso collega; e o n.º 9 correspondente ao mez de outubro.

Como publicação militar, é, como não podia deixar de ser, dedicada ao exercito, tendo por ideal a defeza e rejuvenescimento da patria.

Liga-nos muitos pontos de offinidade; a educação do elemento civil pelo tiro nacional, preparando bons soldados para o exercito e fazendo de todos os cidadãos validos, atiradores que possam, com consciencia e força, defender o sagrado solo da patria, assim como trabalhar para o desenvolvimento physico, por meio de todos os sports creando gerações robustas: tem sido e será a nossa propaganda.

Bemvinda seja, pois, a visita que tanto nos honra.

### Bengalas espingardas

No dia 26 do mez passado por parte do Governo Civil, foram avisados os proprietarios de estabelecimentos de espingardeiros, de que não continuava a ser permitido o despacho d'estas armas... de guerra. Pagavam de direitos 2\$500 réis cada uma.

Estamos d'aqui a ver um contrabandista. com um paternal sorriso nos labios. Que delicia... aquillo, passa tão bem.

### Salão de sport cyclista

A CURIOSIDADE, acirrada pelos pomposos annuncios, levou-nos uma noite d'estas até á rua Nova da Trindade, ao tal salão. Não nos surpreendeu o que vimos, na época que vamos atravessando, já o esperávamos.

E' uma casa de jogo, como muitas que hoje enchameiam a cidade, com pomposos titulos de *Academias de bilhar*.

N'um recinto acanhado, encontram-se galerias para os pontos, perdão, para o publico, um bilhar, velocipedes para exposição de plastica, e uma carreira de tiro; já se vê, tem hespanhoes á frente, e uma porção de cyclistas, ou, como taes enfarfeladas, em geral muito conhecidas das ruas da Capital, em trages que denotavam bem pouca fortuna.

E, n'este meio de encantos aposta-se a tudo, isto é, são *depenados os patos* e outras *aves* que entram n'aquella *capoeira*.

Não se illudam, pois, os que ao verem os annuncios e reclames possam suppôr, ir assistir a algum spectaculo de cyclismo com valor e que possa ter este nome, não senhor, é simplesmente *batota*.

## EXPEDIENTE

**Desejando, quanto possivel, tornar esta revista util aos nossos estimaveis assignantes, em breve vamos publicar o indice correspondente aos quatro annos da sua publicação 1895 a 1998.**

**Vamos brevemente fazer a cobrança das provincias, pedimos a todos os nossos assignantes, a especial fineza de satisfazerem os seus recibos, que lhes serão apresentados pelo correio, afim de nos evitar despezas.**

**Confiando na protecção que sempre nos teem dispensado, contamos com mais este obsequio que muito nos penhora.**